



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Delma Gonçalves Maia

Na escola: agressividade, indisciplina, limites e estratégias pedagógicas

ALTO PARAÍSO DE GOIÁS – GOIÁS

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Delma Gonçalves Maia

Na escola: agressividade, indisciplina, limites e estratégias pedagógicas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadores:

Profº: Rogério de Andrade Córdova,
Profº :Carlos Henrique Silva Bittencourt,
Profª: Clarice Nascimento Bittencourt,
Tutora Presencial Edma Souza Carvalho.

ALTO PARAÍSO DE GOIÁS – GOIÁS, 2013

TERMO DE APROVAÇÃO

Delma Gonçalves Maia

Na escola: agressividade, indisciplina, limites e estratégias pedagógicas.

Banca examinadora do trabalho de conclusão de curso apresentado a

Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília

como parte dos requisitos para obtenção

do título de Licenciado em Pedagogia

Aprovada em: 10 / 03/ 2013

BANCA EXAMINADORA

Profº: Rogério de Andrade Córdova,

Profº :Carlos Henrique Silva Bittencourt,

Profª: Clarice Nascimento Bittencourt.

CONCEITO FINAL: _____

Dedico este trabalho aos meus familiares e a todos que muito contribuíram na trajetória da minha história acadêmica.

E também ao meu Deus que me concedeu força e vontade e tudo mais de que necessitei para concluir esta etapa tão importante da minha vida.

Resumo

Esta é uma pesquisa que tem por tema “Na escola: agressividade, indisciplina, limites e estratégias pedagógicas”. Especificamente tem interesse em relação à agressividade verbal na relação professor-aluno, a indisciplina resultante e as estratégias pedagógicas para lidar com o problema. Aprofundaremos teoricamente a compreensão dessa temática através dos teóricos Zagury (2003) e Tiba (2005) (Educação espontânea e limite); Lacan (1995) família – (função paterna), Muuss (1969) desenvolvimento físico, emocional e social na adolescência) Freud (1996) (agressividade). F. Oury e A.Vasquez, Cocever (op. cit.), Doutor em Educação Rogerio de Andrade Córdova (Pedagogia Institucional E Práticas Do Institucional- tradução do livro de Christine Vander Borgh), Jean Beauté- Entre autoritarismo e Laisser-Faire. Os objetivos são: Identificar os fatores que levam a agressividade e indisciplina em sala de aula; Ouvir professoras sobre o tema ou problema; Procurar encontrar soluções educativas, pedagógicas para a problemática levantada. Concluimos, portanto que a agressividade está ligada a família dos alunos e também a falta de uma organização institucional, onde a Pedagogia Institucional aponta os caminhos para a resolução de tais problemas.

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	7
1ª PARTE: MEU MEMORIAL	8
2ª PARTE: ENSAIO: NA ESCOLA: AGRESSIVIDADE, INDISCIPLINA, LIMITES E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS.....	13
INTRODUÇÃO.....	14
CAPITULO I- ALGUNS ELEMENTOS TEÓRICOS.....	17
2.1 A constituição da família contemporânea.....	17
2.2 O papel dos pais.....	20
2.3 Comportamentos Agressivos.....	23
CAPITULO II- A EDUCAÇÃO E OS LIMITES.....	27
2.1 Limite: como fixá-lo?.....	27
2.2 Uma pedagogia para os limites: a pedagogia Institucional.....	29
CAPITULO III- A INDISCIPLINA: UM REFLEXO NA ESCOLA.....	33
3.1 Comportamento agressivo.....	33
3.2 Relação de sala de aula entre indisciplina e limite.....	35
3.3 Relação sala de aula com (in) disciplina e limite.....	37
3.4 Processo de investigação da indisciplina em sala de aula.....	42
3.5 Investigando a indisciplina em sala de aula.....	42
3.6 O que significam as respostas?.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
TERCEIRA PARTE: PLANO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	51

APRESENTAÇÃO

Este trabalho atende a um requisito curricular do curso de Pedagogia. É, pois, um trabalho de conclusão de curso. Ele está composto em três partes.

A primeira parte é dedicada a um memorial. Nele descrevo alguns elementos de minha vida pessoal, destacando dados de minha escolarização.

A segunda parte é uma monografia. Nela faço um estudo do tema da indisciplina, a partir da agressividade verbal, apresento o tema da necessidade dos limites e termino mostrando como esse problema pode ser enfrentado na pedagogia, com a Pedagogia Institucional.

A terceira parte é bem sucinta, nela apresento minhas perspectivas profissionais a partir da conclusão deste curso.

PRIMEIRA PARTE

MEU MEMORIAL

Chamo-me Delma e a escrita do meu memorial é muito importante, ele é importante porque vai retratando as mudanças no meu desempenho no curso de Pedagogia, no crescimento pessoal e profissional. Ao ler o guia do memorial percebo que fácil é falar, mas quando é para colocar tudo no papel se torna mais difícil, porque eu não sabia por onde começar.

Não gosto muito de contar a minha história, pois é muito difícil relembrar momentos que não foram bons. Cresci lutando muito para chegar onde eu estou. A árvore genealógica permite conhecer as relações de parentesco e os antepassados de uma família, ou seja, o nosso ponto de partida é a família. Infelizmente eu não conheci minha avó materna e nem a paterna, já tinham morrido. Eu sei que eram descendentes de índios, e moravam no município de Cavalcante. Meu pai Bibiano Gonçalves de Brito, minha mãe Belina Francisco Maia, avô materno Romano Francisco Maia e avó paterna Madalena Gonçalves de Brito.

Continuando a minha história, estou no curso de Pedagogia, porque trabalho na educação desde 1995, escolhi o curso de Pedagogia e a educação como prática social. À Pedagogia cabe articular os diferentes enfoques (maneiras de ver), estudos e pesquisas das ciências da educação, dando significado diante dos problemas colocados pela prática social da educação. O curso de Pedagogia, para mim tem como objetivo principal a melhoria do processo da aprendizagem e a formação de profissionais capacitados e atualizados.

Sou a terceira entre cinco irmãos com o mesmo pai, tendo mais quatro irmãos filhos de outro pai, num total de nove irmãos. Tenho união estável com o meu marido junto com os meus filhos, na minha casa somos uma família com cinco pessoas e mais o meu sobrinho, que sempre vem de Brasília para passear e ficar comigo. Vim de família humilde, tive que batalhar sempre com muita dificuldade, sou uma pessoa persistente e não desisto fácil.

Quando era criança fui criada por parentes, tenho muita revolta por não ter sido criada pelos meus pais e nem junto com meus irmãos, lá era obrigada a trabalhar muito igual escrava, não sabia o que era brincadeira, aliás, não tinha direito a nada, eu chorava muito com saudades dos meus pais, irmãos. Quando eu comecei a entender a minha situação, logo meu pai morreu, continuei com os meus parentes até aos 20 poucos anos,

mas chegou a hora em que não aguentei mais e saí. Enfim, eu não gosto de contar a minha história, pois quando lembro, aumenta mais a minha raiva.

Meus Professores e as séries

Comecei os meus estudos já aos 9 para 10 anos. Para os estudos nunca tive tempo, sempre trabalhando, desde cedo, nas séries iniciais nunca tive ninguém para me ensinar em casa, tive uma professora na 1ª série que puxava as minhas orelhas, já a outra, na 4ª série, humilhava e xingava o tempo todo na sala de aula. Se fizesse uma pergunta e os alunos não respondessem, ela ficava a semana toda xingando e humilhando. Nessa época vários alunos deixaram de estudar por causa da professora, eu já imaginava quando eu tinha que ir à aula no dia seguinte. A escola, para mim, virou uma tortura. Já nas outras séries, de 5ª a até a 8ª séries como se falava, foi mais tranquilo, sem muita tortura dentro da sala de aula, mas infelizmente não aprendi Matemática com os professores que não tinham responsabilidade com a sua turma(?) acabaram marcando para o resto da vida. E são marcas que nunca se apagam. E trabalhando na maior dificuldade, nunca perdi as esperanças que venceria.

O começo de minha profissão

Comecei o ensino médio no curso de Contabilidade até o último ano, mas como nunca aprendi Matemática, foi muito difícil. Reprovei por causa de Matemática e continuei no ano seguinte. E como eu já trabalhava em sala de aula(?), para continuar eu tinha que ter o Magistério. Mesmo correndo atrás dos meus objetivos, pensei muitas vezes em desistir, mas aguentei firme, pois todas as vezes que pensei em desistir lembrava que meu filho precisaria de mim. Saí do curso de Contabilidade e fui fazer o Magistério em Monte Alegre de Goiás, fiquei dois anos lá sofrendo com o meu filho, consegui concluir o curso.

Voltei para a minha cidade, continuei na sala de aula. Prestei dois vestibulares em Campos Belos Goiás, mas só eram 10 vagas, não tive nenhuma chance de passar, hoje, graças a minha persistência, estou no curso de Pedagogia, trabalho muito, não tenho tempo para estudar, adoro ler, mas não tive esse costume de ler quando era jovem, pois a escola só exigia decoreba, não está sendo nada fácil, tenho os meus filhos para estudar e ser alguém na vida.

A minha vida não foi nada fácil, mais sei que não há vitória sem luta. Não vou parar de estudar, quero fazer minha pós-graduação logo após terminar o curso, assim em diante. Hoje sou feliz, tenho meu marido que é José Batista de Araujo, e os meus filhos que são: Heberth, Hayssa e Nicole a minha vida está completa com tantas decepções, mas Deus me deu muitos presentes, além dos meus filhos, minha saúde e paz comigo mesma. Tenho os meus filhos que quero que futuramente façam uma faculdade e tenham uma profissão de que eu possa me orgulhar bastante.

Curso de Pedagogia

A Pedagogia é realmente um curso muito rico e que abre muitas possibilidades de atuação. O meu maior interesse em relação ao curso é de ser uma profissional preparada e bastante consciente do meu papel na formação de um novo cidadão. Estudar sozinho é mesmo muito diferente, as possibilidades de interação são outras e exige muito empenho e tempo do discente. No início do curso tive muitas dificuldades, devido à falta de conhecimento de informática e também de um computador próprio, quando superei essas limitações começaram os problemas de conexão com a internet.

Tive como um dos pontos mais altos o fato de cursar pedagogia e estar trabalhando nessa área, isso foi para mim o mesmo que ter um laboratório à minha disposição. Gosto muito do que faço e no momento estou aproveitando para aplicar os conhecimentos que venho adquirindo ao longo desse curso com meus alunos, pois acredito que eles são a verdadeira fonte de conhecimento e ainda tenho muito a aprender. Lutei bastante para fazer o melhor e pude contar com a ajuda dos colegas da escola sempre prestativos.

O curso de pedagogia deu o direito às pessoas de escolherem ser o que quer, e também a oportunidade de participar desta escolha. É algo que não tem explicação. Conseguimos mudar a imagem que as pessoas tinham da Educação a Distância. Temos muitas barreiras a enfrentar e ainda há muito a ser melhorado. Acredito que seja um passo importante, são várias pessoas buscando o melhor para a escola, qualidade no ensino e na aprendizagem dos alunos. No sentido de atingir os objetivos educacionais propostos. E a Universidade de Brasília vem contribuindo muito com a educação no nosso país através da UAB, trazendo cursos de altíssima qualidade para aqueles que atuam na educação e que nunca haviam tido oportunidade de cursar uma faculdade.

SEGUNDA PARTE

ENSAIO

Na escola: agressividade, indisciplina, limites e estratégias pedagógicas

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema “Na escola: agressividade, indisciplina, limites e estratégias pedagógicas”. Considerando que o tema engloba inúmeras facetas da vida do ser humano, houve um interesse maior pelo aspecto da agressividade verbal demonstrada pelos alunos em relação aos professores, delimitando, portanto, o espaço escolar como foco de interesse nesta pesquisa e o termo agressividade em relação ao aspecto verbal.

A escolha do tema que originou tal estudo deu-se após anos de experiência como professora e observadora da relação conflituosa entre o professor e aluno, principalmente quanto à agressividade verbal do aluno para com professor, o que é constante nas escolas brasileiras. Também contribuíram muito para a escolha da temática as constantes reclamações dos pais (ou responsáveis) que dizem não saber o que fazer com os filhos que – de repente – se tornaram alunos alvos de reclamações por parte dos professores.

A relevância do tema no presente trabalho está em contribuir com as escolas na compreensão de que os alunos que demonstram agressividade verbal não devem ser negligenciados por ela, pelo contrário, eles necessitam de ajuda para se autofirmarem socialmente. Ao mesmo tempo, a escola precisa aprender a lidar com estes alunos, pois eles sempre existirão, em maior ou menor número e é função da escola saber trabalhar esta agressividade verbal. O estudo também colabora com a família, pois identifica etapas de relacionamento familiar. Portanto, sua importância se define – na concepção psicanalítica – pelo papel dos pais no período de adolescência.

O objetivo geral:

Identificar as possíveis causas da indisciplina em sala de aula, a fim de colaborar com professores e alunos no trabalho de educação escolar. Para tanto foi

preciso estudar conceitos sobre agressividade, as causas da agressividade verbal, o papel da família e o papel do professor a fim de entender esta relação de conflito originada devido à agressividade. Diante da situação preocupante da agressividade e da falta de limites na sala de aula, levantamos os seguintes questionamentos:

- 1- Como entender a agressividade e a indisciplina que ela representa?
- 2- Como agir pedagogicamente, construtivamente diante de tais situações?

A seguir se definiu o *objetivo geral* como o de aprofundar teoricamente a compreensão da temática da indisciplina, da agressividade e dos limites no contexto escolar.

E os objetivos específicos foram assim formulados:

- 1) Identificar os fatores que levam a agressividade e indisciplina em sala de aula;
- 2) Levar as possíveis causas para uma proposta pedagógica;
- 3) Encontrar soluções educativas, pedagógicas para a problemática levantada.

A metodologia foi de cunho teórico e de campo. Trata-se de uma pesquisa exploratória, predominantemente qualitativa, pois quer tão somente captar algumas extensões do problema, sem defender nenhuma tese no sentido estrito. O presente estudo está organizado em capítulos, sendo que o primeiro capítulo tem como objetivo mostrar a família contemporânea. Esta ressalta a constituição familiar atual, que seria para Tiba (2005), Bock e Furtano (1999) uma ligação afetiva e socioeconômica cultural e não de laços sanguíneos.

O segundo capítulo tem como tema a indisciplina focando, a agressividade verbal na sala de aula. Neste capítulo aborda-se o relacionamento entre o aluno e professor tendo como relevância a missão (im) possível do mestre com o aluno.

O terceiro capítulo aborda as maneiras de solucionar o problema através de Herbert (1965) citado por Jean Beauté onde ele coloca as cinco situações em que envolvem aluno-professor causando conflitos e também aponta três atitudes possíveis.

Vários teóricos foram consultados a fim de se buscar uma reflexão coerente, entre eles: Zagury (2003) e Tiba (2005) (Educação espontânea e limite); Lacan (1995) família – função paterna), Muuss (1969) desenvolvimento físico , emocional e social na adolescência) Freud (1996) (agressividade), Doutor em Educação Rogerio de Andrade Córdova (Pedagogia Institucional E Práticas Do Institucional- tradução do livro de Christine Vander Borgh), Jean Beauté- Entre autoritarismo e Laisser-Faire. Assim, espera-se, a partir deste estudo contribuir para a compreensão dos fatores que tornam o adolescente agressivo, especialmente na escola na relação com professora.

CAPITULO I

Alguns elementos teóricos

A violência nas escolas é algo que tem chamado atenção nos últimos tempos. Uma corrente de opinião, corrente entre professores, afirma que a constituição familiar mudou muito, são filhos criados apenas pelas mães, por avôs ou por empregados. Os pais deixam seus filhos um longo tempo sem a presença dos mesmos e depois querem compensar a ausência com a falta de limites. Tudo isso está refletindo na escola, que é o destino de todas essas vidas. Quando chegam à escola muitas vezes se deparam com uma escola sem estrutura para receber esses alunos, que enfrentam a situação por falta da presença da família. As escolas da nossa cidade não estão preparadas para enfrentar a situação com competência pedagógica com isso deixa brechas que refletem a relação aluno-professor.

Este trabalho tenta mostrar a violência, suas causas e também as possíveis soluções para os mesmos. Diante disso fizemos uma pesquisa bibliográfica, para melhor compreendermos todo esse processo e assim poderemos contribuir para com as escolas e com os pais, apresentando soluções que podem ajudar a solucionar a situação que aflige tantos professores, pais e alunos.

O ponto de partida será a pesquisa bibliográfica que envolverá os autores: Zagury (2003) e Tiba (2005) (Educação espontânea e limite); Lacan (1995) família – (função paterna), Muuss (1969) desenvolvimento físico, emocional e social na adolescência) Freud (1996) (agressividade). Cocever (op. cit.) e F. Oury e A.Vasquez, (Pedagogia Institucional)

2.1 A constituição da família contemporânea

Para Tiba (2005), as famílias têm, hoje, diferentes contribuições visto que não são formadas exclusivamente por núcleo de pessoas unidas pelo sangue: “A família de hoje é um núcleo afetivo, socioeconômico cultural e funcional, num espírito de equipe na quais filhos, meios-filhos, filhos postiços, pais tradicionais-revolucionários - separados- recasados, o novo companheiro...” (p.147).

Bock de Furtano (1999) ressalta que é preciso considerar estudos antropológicos que mostram as inúmeras formas de estrutura familiar:

.. a família de pais separados que realizam novas uniões das quais resultam uma convivência entre os filhos dos casamentos anteriores de ambos e de os novos filhos do casal; a família chefiada por mulher... a nuclear, a extensa, homossexual... Uma infinidade de tipos que a cultura e os novos padrões de relações humanas vão produzindo isso sem consideramos culturas bastante diferentes... Que a família como a conhecemos hoje, não é uma organização natural nem uma determinação divina... A família está inserida na base material da sociedade ou, dito de outro modo, as condições históricas e as mudanças sociais determinam a forma com a família irá se organizar, para cumprir sua função social, ou seja, garantir a manutenção da propriedade e do status que as das classes superiores a reprodução da força de trabalho... (pp. 247-248).

Para esses estudiosos, embora a estrutura familiar tenha várias constituições, ela mantém seu importantíssimo papel na sociedade: “a família é forte transmissora de valores ideológicos” (p. 249). Portanto, a função social atribuída à família é transmitir valores que constituem a cultura, as ideias dominantes em determinado momento histórico, isto é, educar as novas gerações segundo padrões dominantes e hegemônicos de valores e de cultura. Neste sentido, revela-se o caráter conservador e de manutenção social que lhe é atribuído. Sua função social é repartida com outras agências socializadoras: as instituições educacionais – creches, pré-escola, jardins - de infância, escolas – e os meios de comunicação de massa... “Em todas as classes, as crianças estão indo cada vez mais cedo para as instituições educacionais” (p.250). Os motivos são os mais diversos, sendo que um deles deve ser ressaltado: a entrada da mulher no mercado de trabalho quer para garantir a renda familiar, quer como projeto de vida profissional.

Sobre o papel da família com outras instituições, Roudinesco (2003) nos mostra que a mudança da estrutura familiar é fator contributivo da distribuição da função social porque foi no seio das mudanças grandes, do biológico (diferença sexual) e do simbólico (proibição do incesto e outros interditos), que se desenrolaram durante séculos, não apenas as modificações próprias da instituição familiar, “como também das modificações do olhar, para ela voltado ao longo das gerações” (p.17). A autora afirma que a família passou por, pelo menos, duas fases de evolução. Na primeira, a família dita tradicional serve acima de tudo para assegurar a transmissão de um patrimônio: os

casamentos eram arranjados entre os pais sem que a vida sexual e afetiva dos futuros cônjuges, em geral unidos em idade precoce, fosse levada em conta. Nessa ótica, a célula familiar repousava em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetido a uma autoridade patriarcal. Numa segunda fase, a família, dita moderna, torna-se o centro de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVII e meados do XX. Fundada no amor romântico, ela sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnavais por intermédio do casamento. Embora valorize também a divisão do trabalho entre o casal, o que faz com que o Estado se encarregue da educação dos filhos (creches, escolas, universidades...), afirma Roudinesco (2003):

A atribuição da autoridade torna-se, então, motivo de uma divisão incessante entre o Estado, de um lado, e os pais e as mães, do outro. Finalmente, a partir dos anos, 1960, impõe-se a família dita contemporânea - ou pós-moderna- que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou de realização sexual. A transmissão da autoridade vai se tornando então cada vez mais problemática, à medida que os divórcios, separações, recomposições conjugais, aumentam (p. 19)

Observe-se que Roudinesco coloca a atual estrutura da família como um dos motivos para que esta perca a autoridade sobre os filhos. Outro motivo parece ser a divisão de funções. Isto é, ao delegar responsabilidades, para principalmente, as escolas (onde os filhos passam uma grande parte do tempo), também se está perdendo o poder de decidir quais, e como devem ser transmitidos, os valores culturais. De forma que a família, aos poucos, vai tendo papel quase secundário na definição dos valores adquiridos pelos filhos, especialmente quando a base da família (mãe, pai, ou quem assume este papel) passa muito tempo fora de casa, como é o caso dos que trabalham fora.

Portanto, diante das ideias de Tiba (2005), Bock e Furtano (1999) e Roudinesco (2003) concluímos que a família contemporânea não é composta só por laços sanguíneos, podendo ter um núcleo afetivo e com suas afinidades. O que não implica que estas estruturas não sejam problemáticas, isto é, os divórcios crescem e conseqüentemente a autoridade e os valores podem ser relegados a outras instâncias (escolas, TV, e etc.).

2.2 O papel dos pais

Nas organizações sociais, a inclusão da criança no mundo civilizado passa pela educação e cada sociedade estabelece seu conceito para este termo: educar. Atualmente, grande parte da civilização ocidental acredita que a educação tem a ver com recuperação do conhecimento, pelo indivíduo, do que lhe foi transmitido. Miranda (2001, p. 67) escreve que “quando se educa, é difícil fugir do conflito e da contradição”. Talvez isto explique o porquê das conflitantes situações na sala de aula. Já para Tiba (2005, p.157) “educar ajuda a desenvolver o ser humano de dentro para fora”. Então, o conhecimento transmitido à criança precisa ser exteriorizado, e só pode ser possível de acontecer com ajuda, principalmente, dos pais.

Convém acrescentar que Miranda (2005, p. 69) afirma que “deparar-se com falta é angustiante”, por isso essa experiência é sempre vivida como traumática. Muitos pais e educadores pretendem poupar crianças e adolescentes desse trauma, acreditando poder evitar-lhes tal sofrimento. Daí muitos terem dificuldade para colocar limite a eles, o sentimento da falta se daria conseqüentemente, na busca do seu eu. Juruzalinsk (citado por Miranda (2001) declara que:

Os pais desejam para seus filhos o prazer, a realização e a facilidade que eles mesmos não conseguiram para si. Mas a cultura exige que os pais enveredem os pequenos humanos pelas trilhas que convém muito mais à sua estrutura do que a felicidade destes. Não se trata tanto de uma oposição entre os ideais individuais e os coletivos, mas da esperança comum aos pais de que seu filho constitua a exceção. (MIRANDA 2005 p. 69)

Cabe lembrar que no relacionamento entre os filhos e os pais sempre há desentendimentos e conflitos, pois ocorrem desencontros entre o filho que eles idealizam e o sujeito que começa a emergir diferente do que sonharam. Sobre esta idealização, Miranda (2001) fez uma pesquisa com os pais na qual ela indagou aos pais o que dificultava a relação pais e filhos. As respostas mostram que eles encontram dificuldades em corrigir e em dar respostas, não sabem lidar com situações inesperadas. Eles acham ruins não poder dar tudo que os filhos querem. Também acham difícil lidar

com o fato de os filhos não entenderem as dificuldades da vida. Os pais entrevistados queriam mostrar o mundo como realmente ele é para seus filhos.

Para Miranda (2001 p. 85), quando o filho não liga para as coisas da vida, no entanto, “pode estar se ligando a coisas que colocam a vida em risco, não se responsabilizando por ela”. Esse tem sido o motivo, segundo a autora, de maior apreensão aos pais, que receiam o uso de drogas, o abandono dos estudos ou uma gravidez indesejada. Há ainda o risco de que os filhos se envolvam em situações de violência: podem ser assaltados ou se envolver em brigas por disputas de turma. A pesquisa também mostra que os jovens disseram que “os pais ajudam quando estabelecem limites e ao mesmo tempo quando dão liberdade. E que atrapalham quando prendem os filhos e quando nem ligam para eles”. De acordo com o Professor Rogério de Andrade Córdova esse ponto mostra a contradição entre educação, imposição e liberdade. Fala ainda que isso seja uma questão de dosagem e de sabedoria, e requer tanto dos pais quanto dos professores, um grande equilíbrio e um grande preparo.

Para Zagury (2003 p. 295), alguns pais confundem com o “dar tudo”, isto é, os pais acreditam que educar seria dar tudo (materialmente) para seus filhos: “Diante da realidade de um mundo em que as relações estão cada vez mais limitadas e difíceis, com as pessoas muito defendidas, temendo se dar emocionalmente - acabam dedicando aos filhos o melhor de sua afetividade”.

Zagury ainda fala que, a todo instante, “Vêm-se mais e mais pessoas tentando fazer tudo pelos filhos. Porque esse fazer tudo pelos filhos dá prazer, é gostoso mesmo” (p. 295). Para ele, infelizmente, o que pode parecer mais simples (fazer tudo que eles querem), em pouco tempo torna-se muito mais complexo porque, bem orientados, quando eles crescem, também amadurecem, não apenas crescem e não há nada mais difícil do que ter um filho grande, que é grande só por fora:

...que continua dos 25 ou até 30 anos, dependendo dos pais, intelectual, financeiramente. O caminho natural da coisa é esse: trabalhamos durante duas décadas com cada filho para que mais ou menos ao final desse tempo, eles possam seguir suas vidas, tomando decisões, trabalhando, cansando, descansando, pagando suas contas, mudando de apartamento ou de cidade, enfim, seguindo seu caminho. Realizados e felizes, mas com

independência, equilíbrio emocional e maturidade (Zagury, 2003, p.297).

Portanto, se os pais atendem a todos os caprichos dos filhos, eles estarão inadequando seus filhos para a sociedade, pois esta exige que os pais imponham limites aos seus filhos em todos os sentidos da vida, como é colocado abaixo:

Quantos de nós conseguimos realizar tudo, exatamente tudo o que desejamos? Então, como ser feliz quando se aprendeu que tudo é possível, quando se teve um pai e uma mãe que sempre fizeram todas as suas vontades e, de repente - que estranho! - ninguém mais obedece a todos os seus mínimos desejos: nem o seu chefe, nem os seus amigos, nem sua namorada, ninguém, enfim, lhe faz todas as vontades (ZAGURY, 2003, p.298):

Tiba (1996) concorda com Zagury (2003) e destaca que esses filhos a quem os pais fazem as vontades, são folgados e que, “pode ser que: fora de casa possam submeter-se timidamente ao primeiro que lhes colocar um limite, um amigo ou professor, por incapacidade de reagir”. Zagury é contra a proteção exagerada dos pais, que atrapalham o crescimento dos filhos. Portanto, os pais também devem ter limites e não ser tão protetores para não confundirem a vontade dos filhos com a real necessidade deles. Para ele, a **necessidade** é algo inevitável, algo que, se não atendido, pode levar o indivíduo a ter problemas sérios no seu desenvolvimento, seja físico, intelectual ou emocional, já o **desejo** é a vontade de possuir algo, de realizar algo que pode ou não ser importante para o desenvolvimento e está mais vinculado ao prazer. Para reforçar seu argumento, Zagury cita o filósofo Maslow que, por sua vez, afirma que o homem tem uma série de necessidades normais, e que ele agrupou, de forma hierarquizada, em cinco grupos:

- Necessidades de reconhecimento;
- Necessidades de prestígio;
- Necessidades de amor e de afeto;
- Necessidades de segurança (física, psicológica, social);
- Necessidades fisiológicas (ligada à sobrevivência).

A ideia de hierarquia entre as necessidades mostra que o homem só se preocupa em atender a uma necessidade de nível mais elevado se as de nível mais baixo estiverem atendidas. Ou seja, quem está com muita fome (uma necessidade fisiológica) não fica muito interessado em proteger-se (necessidade de segurança), arriscando-se, por exemplo. Ou seja, atendidas as necessidades fisiológicas, as seguranças passariam a falar mais alto e assim sucessivamente. Zagury (2003) ressalta que, não menos importante, cabe também aos pais a tarefa de orientar os filhos para que, cada dia, cada mês que passa, os filhos caminhem no sentido de adquirir aptidões para que, por seus meios, por sua capacidade e, dentro de norma de éticas, supram por si sós, essas necessidades.

Ela fez uma tabela mostrando a diferença entre a necessidade e desejos (2003.p. 90):

Necessidades	Desejos
Necessidades comer quando se está Faminto.	Comer chocolate em vez almoçar.
Beber quando se está com sede.	Beber apenas refrigerantes.
Brincar	Brincar com aparelho de som.
Dormir.	Dormir em vez de ir à escola e ficar acordado até a madrugada navegando na Internet.
Usar roupas confortáveis e adequadas	Exigir roupas de determinadas marcas e uma roupa nova a cada festinha.
Passear e relaxar.	Exigir dos pais viagens ao exterior a cada ano, nas férias, porque foi aprovado na escola.

Nesse contexto, Tiba (1996) comenta que o desejo tem que ter limite, pois se não houver, esta criança não conhecerá o valor do “não”. Consta-se, pois que Zagury (2001), Tiba (1996) e Miranda (2001) acrescentam que os adolescentes anseiam pela autoridade dos pais.

2.3 Comportamentos Agressivos

Ao examinar a agressão de animais, à primeira vista parece haver muitas variações. Porém, um exame mais cuidadoso revela que os animais se atacam mutuamente com arsenal relativamente limitado de “armas” naturais, e os modos de agressão podem ser contados com os dedos das duas mãos: morder, arranhar, abraçar (ursos), comprimir (serpentes), golpear, chutar, escoicear, cuspir (gambá) e lançar espinhos (porco espinho). Todas essas ações têm a propriedade comum de ferir outro animal, característica que define a agressão animal. Assim, é relativamente fácil definir e identificar a agressão animal, pois é inteiramente física e direta: o agressor ataca a vítima e inflige dor ou ferimento físico e/ou morte.

Com os seres humanos não é assim, Singer (1975) considera que a “agressão de seres humanos não é limitada por nossa constituição física” (p.9). Ele ainda ressalta que a agressão verbal pode ser tão aguda (psicologicamente) quando a picada da serpente, principalmente porque a vítima nem precisa estar presente, e o castigo pode ser aplicado indiretamente. Também o agressor não precisa necessariamente instigar o ataque, às vezes, a inação é em si mesma um castigo. Singer salienta as seguintes dicotomias do comportamento agressivo: físico-verbal, ativo-passivo, direto-indireto e a interação destas permitem oito tipos de agressão.

A essência da agressão passiva é a obstrução da sequência usual de comportamento da vítima e neste sentido equivalente à frustração. Para que tais exemplos de frustração sejam incluídos como respostas agressivas, precisam apresentar características comuns aos exemplos de agressão ativa e trazer características que definem a agressão. Singer conceitua agressão quando ocorre no contexto de cólera ou não:

Uma característica leva muitas pessoas a identificar cólera e agressão. A definição formal seria a seguinte: a agressão é qualquer resposta que ocorre quando o indivíduo está encolerizado. Um exame mais completo mostra que essa definição não é satisfatória. A cólera pode ser acompanhada por diferentes comportamentos não agressivos, entre os quais fuga, angústia, depressão, pode ocorrer até distração por outras atividades. De outro lado, a agressão pode ocorrer na ausência total de cólera: o soldado que atira no inimigo pode estar tão calmo e tão pouco emocionado quanto o político que (verbalmente) ataca o outro candidato a um cargo. Se a cólera pode ocorrer sem agressão e se esta pode ocorrer sem cólera,

esta não pode ser a característica que define agressão (SINGER 1975 PP. 14-15).

Todos os tipos de comportamento de ataque em animais e até categorias de comportamento agressivo em seres humanos têm uma única propriedade comum: um indivíduo dá estímulos desagradáveis a outro. Esta definição de agressão faz com que seja quase equivalente a castigo. Constituem agressão castigos como os que ocorrem no contexto de um papel social aceito, por exemplo: “pai que pune o filho e o professor que critica o aluno está castigando” (Singer, 1975, p. 25). Mas geralmente estas condutas não se classificam como agressão.

Osório (1989) destaca a agressividade na adolescência como impulsiva. “Assim como o amor idealizado dos jovens identifica o desejo de fundir-se novamente com o objetivo original materno e está a serviço do vínculo simbólico, os acessos de fúria ou a propensão a divergir podem facilitar o processo de dessimbiotização” (separação) (PP.17-18).

Assim, se o amor une e funde, a contenda separa e discrimina. E como o indivíduo define-se primordialmente pelo que não é ao buscar na controvérsia o que no outro se lhe opõe, o adolescente vai, desta forma, rastreando o reconhecimento de seu próprio eu.

Segundo Cruz (2006), em seu artigo “Agressividade e Adolescência: uma reflexão psicanalítica”, a agressividade, como a expressão do ódio, em geral, é atribuída a fatores externos e não a internos. Ele completa afirmando que, de todas as tendências humanas, a agressividade, em geral, é escolhida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos e, quando se manifesta, é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens. Para o autor, o primeiro passo para se avaliar uma atitude agressiva ou uma tendência antissocial, é valorizar as fantasias inconscientes do sujeito em questão. Cruz afirma que as teorias que tentam explicar a agressividade como uma expressão pura e simples de algo instintual, é uma premissa falsa.

Bock e Furtano (1999) destacam que “todo ser é agressivo” (p.330). Eles avaliam a agressividade exclusivamente por suas manifestações: o comportamento. De

forma que uma pessoa incapaz de fazer mal a uma mosca, boazinha é considerada como não tendo nenhum impulso destrutivo da sua relação com coisas e com as coisas e com os outros, mas há outra perspectiva a ser considerada em relação à agressividade- a auto- agressão:

Para superarmos a estranheza que a afirmação inicial causa, é necessário compreender que a agressividade é impulso que pode voltar-se para fora (heteroagressão) ou para dentro do próprio indivíduo (autoagressão). Mas ela sempre constitui a vida psíquica, enquanto fazendo parte do binômio, amor (pulsão de vida) e ódio (pulsão de morte) (BOCK E FURTANO 1999 p.330).

Para os mesmos autores, a agressividade sempre está relacionada com “as atividades de pensamento, imaginação ou de ação verbal e não-verbal” (p.330). Portanto, alguém muito bonzinho pode ter fantasias altamente destrutivas, ou sua agressividade pode manifestar-se pela ironia, pela omissão de ajuda, ou seja, a agressividade não se caracteriza exclusivamente pela humilhação, constrangimento ou destruição do outro, isto é, pela ação verbal ou física sobre o mundo.

CAPÍTULO SEGUNDO

A educação e os limites

2.1 Limite: como fixá-lo?

Muitos pais, hoje, têm dificuldades em estabelecerem limites para os filhos e em darem fim à discussão e a pequenas questões simples do dia- dia. Nisto, são completamente diferentes dos pais da geração anterior, pois, no passado, o limite era castrador e castigo corporal. Mesmo que o pai estivesse sem fazer nada, os filhos não podiam se aproximar. E caso o fizessem, esbarravam na esposa que o defendia com discurso do tipo: ‘seu pai precisa descansar porque trabalhou’ ou ‘sobrecarregue seu pai com essas coisas’. Estas ‘coisas’, quase sempre, eram vontade de conviver com ele que se apresentava como inacessível.

Para Tiba (1996) esta barreira que se interpunha entre o pai e o filho tornava esse uma figura distante, ameaçadora e punitiva. Cabia-lhe a tarefa de dar castigo quando a criança desobedecesse à mãe. Como resultado, esse tipo de educação gerou nos filhos uma revolta íntima e formou dentro deles um grande desejo: “quando me tornar pai, serei diferente carinhoso, afetivo aberto a conversa, amigo do meu filho” (p. 64). É como se os pais:

Tornassem anti-repressivos, com dificuldades para impor limites aos filhos. Quando as crianças passavam da conta, o medo de reprimir é tanto que os pais simplesmente as deixam fazer o que querem. Esse medo pode ser traduzido por: não devo dizer não caso contrário, vou me sentir pai autoritário, vou me sentir um pai autoritário e distante, assumindo o odioso comportamento do pai que eu mesmo tive. (PP. 65e 66).

O impressionante é verificar que esses pais, tanto reclamavam dos pais de outrora, acabam repetindo hoje, com seus filhos, muitos dos comportamentos e atitudes de seus próprios pais. Quando a situação fica intolerável, o pai vê-se obrigado a realizar

todos os desejos dos filhos. São os dois lados de uma mesma moeda: permissivo demais e autoritário. Neste caso, independentemente do nível de conhecimento e cultura, muitos pais tem-se mostrado incrivelmente incapazes de exercer sua autoridade junto aos filhos.

Em determinados momentos, esta forma de agir, longe de melhorar a relação Pai/filho, torna-a bastante complicada extenuante. Pode-se verificar que os pais estão sem saber como agir diante da nova relação de força, pois eles abandonaram a postura excessivamente rígida anterior, mas criaram um problema: “Como encontrar a medida certa entre o ‘sim e o não? Como os modernos livros e artigos de psicologia infantil tendem a não, apresentar regras, os pais ficam paralisados diante da nova situação” (ZAGURY, 1994, PP. 23-24).

Essa situação dos pais não saberem a hora certa de permitir ou repreender ocorreu também na prática de muitos dos professores. Mas, no caso dos professores, eles puderam se apoiar nas tendências pedagógicas de John Dewey, Anísio Teixeira e Maria Montessori (1985) denominada de tendência liberal renovada progressivista, bem como a tendência renovada não- diretiva, cujo principal representante foi Carl Rogers (1987), para alterar a relação professor-aluno:

Foram elas que introduziram idéias como atendimento as necessidades individuais, adequação das necessidades individuais ao meio, social, à escola deve retratar a vida, dando ênfase, sobretudo, aos aspectos psicológicos antes que os pedagógicos e sociais. Através dos postulados dessas linhas pedagógicas o conteúdo antes considerado prioritário (Escola Tradicional). Passou a ter uma importância secundária, produzindo-se a relação professor-aluno, a não intervenção, o respeito e aceitação plena do aluno como pessoa, a vivência democrática (Rogers) e o apoio total ao desenvolvimento livre e pleno da criança (Dewey e Montessori). Essas idéias surgidas no campo da Educação foram sem dúvida em avanço substancial no ensino, mas trouxeram, por outro lado, algumas conseqüências indesejadas e não previstas por seus teóricos. Distorcidas pela interpretação incorreta ou racial de alguns seguidores, trouxeram para a sala de aula alguns problemas sérios, tais como a dificuldade os professores estabelecerem limites entre a liberdade que pretendiam dar aos alunos e a autoridade que precisavam ter em determinados momentos, bem como a queda da qualidade de ensino, a partir do momento em que os professores, por interpretarem de forma inadequada as premissas destas escolas, partiram, para quase total descompromisso com a aprendizagem e os conteúdos de ensino, para

citar apenas dos problemas ocorridos na práticas pedagógica em função das inovações trazidas por linhas (ZAGURY, 1994,P.24).

2.2 Uma pedagogia para os limites: a pedagogia Institucional.

Iniciamos esclarecendo o que vem a ser o termo “Pedagogia Institucional”.

De acordo com Prof. Dr. Claudio Roberto Baptista essa expressão é pouco utilizada no Brasil. A palavra “institucional” tem um significado que privilegia a dialética caracterizada pela relação entre os dois elementos que são primordiais para a existência de uma instituição: o grupo e as regras. Nesse sentido, a referência ao termo "institucional" não diz respeito à burocratização, e nem mesmo à análise institucional, em maneira exclusiva. Trabalha-se da identificação das dimensões: instituída (portanto estabelecida com maior rigidez) e instituinte (que oferece espaço para a estruturação de novas regras). O professor considera ainda esta diferenciação um avanço na análise das instituições, por identificar os espaços de ação possível para uma prática pedagógica que se propõe como inovadora.

Segundo Cocever, citado pelo Prof. Dr. Claudio Roberto Baptista, os objetivos da psicoterapia institucional e da pedagogia institucional podem ser identificados em trabalhos que transformem o lugar de "cura" e de "educação" para diminuir a alienação, favorecendo as trocas de todo tipo através de mediações entre os indivíduos e os grupos: reuniões, esquemas de trabalho que organizam o ambiente onde se vive, a circulação de informações, e o gerenciamento coletivo.

Para o Prof. Dr. Claudio Roberto Baptista no campo pedagógico parece-nos essencial a utilização das estruturas de grupo instituído e de coletivo. Esta utilização supõe relações interindividuais e um entrelaçar-se de trocas materiais, afetivas e verbais; requer a tomada de consciência dos papéis, das leis inconscientes que dão fundamento às relações, a utilização possível dos conflitos, a ativação de ideais comuns e do respeito às particularidades de cada um.

A pedagogia Institucional propõe um trabalho pedagógico em que seja possível integrar diferentes formas de aprender e aponta os seguintes elementos: grupo; coletivo; trocas - relações – reciprocidade; papéis; utilização dos conflitos para análise pelo grupo classe; dimensão histórica; vínculo com o contexto; dimensão temporal ampla; articulação de diferentes fontes de recursos; reconhecimento dos planos: imaginário e simbólico; expressão livre: jornal, correspondência,...; estudo do ambiente; cooperação; mediação; ambiente educativo.

Para essa pedagogia é preciso à utilização dos conflitos e a busca de transformação destes em situações de aprendizagem. A inserção de um aluno "diferente" em um grupo é um elemento desestabilizante, que pode ser vivido como um conflito, mas pode também ser um fator de enriquecimento, pois de acordo com o Claudio Roberto Baptista, o trabalho com o aluno "diferente" gera a necessidade de administrar o conflito, o desconhecido. Para que os conflitos possam ser transformados e utilizados é fundamental a atenção dirigida aos mediadores, representados prioritariamente pelos instrumentos didáticos que envolvem e organizam a ação dos participantes.

Para uma maior compreensão da Pedagogia Institucional o Professor Rogério de Andrade Córdova meu instrutor nesse trabalho de conclusão de curso traduziu a obra de Christine Vander Borgh¹ que fala Pedagogia Institucional e Práticas do Institucional, onde a autora mostra os caminhos percorridos por essa pedagogia que lutava contra a tendência de um coletivo a se tornar rígido num estrutura alienante e segregativa dos indivíduos dentro de uma instituição.

Quanto a pedagogia institucional às práticas do institucional a autora fala que a expressão “pedagogia institucional” foi cunhada em 1958 por Jean Oury, como forma de caracterizar o trabalho pedagógico realizado pelos Grupos de Educação Terapêutica (GETs), que tinham à sua frente Fernand Oury e Aída Vasquez. De acordo com Borgh estes grupos tinham como referência pedagógica a Pedagogia Freinet (1896-1966). E trabalhavam na instituição “escola”. Constituiu-se, assim, um movimento em torno desses grupos tendo como referência, por um lado, a prática dos métodos “ativos” e, por outro, a análise das práticas, escrevendo-as, documentando-as, realizando cursos de formação de professores em pedagogia institucional. De modo geral as equipes, ou

grupos, trabalhavam particularmente com crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem ou com problemas sérios de comportamento (“caractériels déconcertants”) (15).

Para o professor Rogério de Andrade Córdova a análise de Christine Vander Borgh, remetendo a essa formação e a essa prática, destaca três níveis de complexidade identificáveis, cada qual requerendo uma abordagem técnica e metodológica específica:

a) A animação do cotidiano: Esta animação envolve “tudo aquilo que faz viver e funcionar no dia a dia”. Tudo aquilo que remete “às técnicas de ambiência, à organização do quadro (cadre) e às necessidades vitais”. Dar aulas fazendo com que a classe, respeitando sua missão de ser um lugar de aprendizagem de ler, escrever e contar, seja igualmente um lugar de vida, no qual “as crianças guardem ou reencontrem o desejo de comunicar, de aprender, de produzir, de se organizar, de crescer (grandir)...” (citando René Laffite: *Une journée...*)(15). Nesse contexto, as “técnicas Freinet” são fundamentais:

i) “*O que há de novo?*” (Maneira de professor(a) e aluno(a)s se reencontrarem ao início de cada semana e dizerem de suas preocupações. Esse momento levanta temas “quentes” que poderão ser abordados, analisados ao longo da semana;

ii) O “*texto livre*” e a “*escolha do texto*”: momentos de expressão dos temas relevantes para os sujeitos (a revelação do inconsciente?);

iii) Os “*trabalhos individuais*” com a ajuda de fichários autocorretivos, os ateliês artísticos e científicos, as saídas-investigação, a produção de álbuns coletivos, o envio de correspondências. E, finalmente, os “*ofícios*”: objetos perdidos, arrumação da mesa de exposição, caderno de chamada cronometrista, caixa... Entre outros.

b) A organização do coletivo: As atividades acima, e outras tantas, não caem do céu. São organizadas de maneira muito cuidadosa e rigorosa (poussée) e requerem instrumentos variados. Cada instrumento supõe seus modos de uso e suas regras de utilização. Para tanto se faz necessário um lugar de tomada de decisões, uma metodologia de tomada de decisões, lugar

que passa a ser o espaço-tempo das regelações, das negociações, das tomadas de distância. A vida coletiva é sempre difícil, sempre acontecem enfrentamentos. E isso requer um espaço de institucionalização: cada situação-problema é remetida (pode ser) ao “conselho” de cooperativa. Este, por sua vez, é objeto de uma organização específica, dotada de responsabilidades a assumir. Se vier a perder sua pertinência ou sua utilidade, deve ser

suprimido. Trata-se de um trabalho em grupo e sobre o grupo, e que conjuga, ao mesmo tempo, as contribuições da sociologia e da dinâmica de grupos. Por intermédio da organização cooperativa, cada qual encontra um lugar (place), uma função, um status, e será reconhecido pelos outros. O espaço da sala de aula passa a ser vivido como um espaço regulado, no qual não se pode fazer o que bem se entenda, quando se queira e como se queira. Nele há **Limites, Lugares, Leis...** Que produzem uma **Linguagem...** Mas, se por uma parte há os Limites impostos pelas Regras, existe também a Abertura a um espaço de Liberdade, de Responsabilidade, de Poder...

c) **O lugar do sujeito:** A classe institucionalizada organiza uma “rede” relacional que traz consigo seu lote de gratificações e de frustrações, moderadas que sejam, mas inelutáveis. O trabalho relacional se inscreve em histórias marcadas por quebras e rupturas simbólicas. E é por isso que os marcos psicanalíticos podem ser de grande ajuda no sentido de demarcar sua própria história quando o jogo das identificações, transferências e contra-transferências ameaça a nossa serenidade profissional e pessoal. Uma invenção dos educadores dos GETs foram as “monografias”, relativas a indivíduos singulares. De acordo com Borghet se a mensagem da instituição é a mesma, cada ator, como sujeito, lhe dá sua interpretação... Há sempre uma rede de conexões, de associações que põem em jogo significativo e significado... A aventura institucional nos envolve corporalmente: ficamos doentes por causa dela, sonhamos com ela, dela não podemos mais nos separar ou podemos odiá-la... Crises “institucionais” mudam ou até mesmo subvertem nossas vidas... Nossa sobrevivência mental depende de como possamos/saibamos reunir nossas energias para escapar de um ambiente institucional rígido, caótico, totalitário, liso (lisse). Daí a concepção de um trabalho institucional a manter/sustentar (soutenir): i) para a competência e a cooperação; ii) para a complexidade e as redes de lógicas diversas; iii) para a criatividade e a responsabilidade. (19 e 20).

CAPÍTULO TERCEIRO

A INDISCIPLINA: UM REFLEXO NA ESCOLA

3.1 Comportamento Agressivo

Ao examinar a agressão de animais, à primeira vista parece haver muitas variações. Porém, um exame mais cuidadoso revela que os animais se atacam mutuamente com arsenal relativamente limitado de armas naturais, e os modos de agressão podem ser contados com os dedos das duas mãos: morder, arranhar, abraçar (ursos), comprimir (serpentes), golpear, chutar, escoicear, cuspir, (gambá) e lançar espinhos (porco espinho). Todas essas ações têm a propriedade comum de ferir outro animal, o que propriedade que define a agressão animal. O que é propriedade que define a agressão do animal. Assim, é relativamente fácil definir e identificar a agressão animal, pois é inteiramente física e direta: o agressor ataca a vítima e inflige dor ou ferimento físico e/ ou morte.

Com os seres humanos não é assim, Singer (1975) considera que a “agressão de seres humanos não é limitada por nossa constituição física” (p.9). Ele ainda ressalta que a agressão verbal pode ser tão aguda (psicologicamente) quando à picada da serpente, principalmente porque a vítima nem precisa estar presente, e o castigo pode ser aplicado indiretamente como também o agressor não precisa necessariamente como também o agressor não precisa necessariamente instigar o ataque; às vezes, a inação é em si mesma um castigo –,,”por exemplo, negativismo” (p. 9-10). Singer (1975) salienta as seguintes dicotomias do comportamento agressivo: físico- verbal ativo- passivo, direto- indireto e a interação destas permitem oito tipos de agressão.

A essência da agressão passiva é a obstrução da sequencia usual de comportamento da vítima e neste sentido equivalente à frustração. Para que traz exemplos de frustração sejam excluídos como respostas agressivas, precisam apresentar características comuns aos exemplos de agressão ativa e traz características evidentemente, definem a agressão, pontua Singer. Singer conceitua agressão quando ocorre no contexto de cólera ou não:

Uma característica que leva muitas pessoas a identificar cólera e agressão. A definição formal seria a seguinte: a agressão é qualquer resposta que ocorre quando o indivíduo está encolerizado. Um exame mais completo mostra que essa definição não é satisfatória. A cólera pode ser acompanhada por diferentes comportamentos não agressivos, entre os quais fuga angústia, depressão pode ocorrer ou até distração por outras atividades. De outro lado, a agressão pode ocorrer na ausência total de cólera: o soldado que atira no inimigo pode estar tão calmo e tão pouco emocionado quanto o político que (verbalmente) ataca o outro candidato a um cargo. Se a cólera pode ocorrer sem agressão e se esta pode ocorrer sem cólera, esta não pode ser a característica que define agressão (SINGER 1975 PP. 14-15).

Todos os tipos de comportamento de ataque em animais e a auto categorias de comportamento agressivo em seres humanos têm uma única propriedade comum: um indivíduo dá estímulos desagradáveis a outro. Esta definição de agressão faz com que seja quase equivalente a castigos constituem agressão, como os que ocorrem no contexto de um papel social aceito, por exemplo: “pai que pune o filho e o professor que critica o aluno está castigando” (Singer, 1975, p. 25), mas geralmente não se classifica como agressão.

Osório (1989) destaca a agressividade na adolescência como impulsiva. “Assim como o amor idealizado dos jovens identifica o desejo de fundir-se novamente com o objetivo original materno e esta a serviço do vínculo simbólico, os acessos de fúria ou a propensão a divergir podem facilitar o processo de dessimbiotização” (separação) (PP.17-18). Isto é se o amor une e funde, a contenda separa e discrimina. E como o indivíduo define-se primordialmente pelo que não é ao buscar na controvérsia o que no outro se lhe opõe o adolescente vai, desta forma, rastreando o reconhecimento de seu próprio eu.

3.2 Relação de sala de aula entre indisciplina e limite

“De acordo com Estrela (1996), os problemas da relação professor-aluno podem conduzir a problemas de indisciplina extremamente complexos e dependentes de um número de variáveis diversos: variáveis de ordens psicológicas e sociais, relativas a organização das escolas e até mesmo a sua aceitação profissional.

De acordo com Herbert (1965) citado por Jean Beauté existem cinco fatores que caracterizam a sala de aula, sendo eles:

1. Um único indivíduo adulto.
2. em relações regulares
3. com um grupo
4. de crianças
5. cuja presença é obrigatória.

E a junção deles causa ansiedade no docente:

“Nós falamos da presença do grupo de alunos (fator 3), pois que os membros de um grupo de apoiam entre si. Diante deles o/a docente fica isolado/a (fator 3) porquanto seu grupo – seus colegas – não está presente na mesma sala de aula (fator 1). O fator 2 – a regularidade das relações docente-discentes – pode acrescentar à ansiedade causada pelo grupo um elemento de desespero, pois ela torna a situação inelutável... À primeira vista o fator 4 pode parecer tranquilizador: o grupo, afinal, é formado por crianças/alunos, seres considerados mais jovens e, conseqüentemente, obrigados a se submeterem a um adulto. Mas, devido ao fato de se tratar de criança/alunos – e em grupo – é mais difícil, se por vezes mesmo impossível, apelar para a razão delas, e quando o fracasso acontece ele se mostra mais amargo... Resta o fator 5: a obrigação de as crianças/os alunos estarem presentes, pode haver tendência a se tornarem insubordinados, em caso de desentendimento com o mestre, em razão da sua condição de “cativos”.(p.41-42).

Jean Beauté aponta tres atitudes possíveis para solucionar os conflitos em sala de aula, primeiro uma gestão autoritária, a segunda é a atitude não diretiva e a terceira a pedagogia institucional. Onde a primeira tem em seu favor uma longa tradição. O autor diz ainda que Procurou descrevê-la desvencilhando-as das caricaturas traçadas muitas vezes por seus adversários. Sendo *fundada numa relação de forças favorável ao(à) mestre/a* . Este/a, investido/a da missão de educar, deverá resistir à inércia ou à apatia dos alunos E não deverá ter medo de se impor. Uma concepção relativamente pessimista das crianças/alunos e, sobretudo, dos efeitos produzidos por sua reunião em grupo, propicia a necessidade, para o/a mestre/a, de fazer com que a relação de força não lhe seja desfavorável.

De acordo com o autor se encontra em oposição à gestão autoritária. Esta encontra suas fontes ao mesmo tempo na obra de Carl Rogers e dos especialistas da psicologia dos grupos, entre os quais Jacob Levy Moreno e Kurt Lewin. Jean Beauté fala ainda que é preciso não confundir “não diretividade” e “laissez-faire” (“literalmente: deixar fazer, deixar correr...), pois o próprio Rogers denunciou interpretações contestáveis de seu pensamento e ele mesmo tomou suas distâncias quanto à expressão “não-diretividade”. E se nós a mantemos aqui é porque ela tem sido muitas vezes utilizada em textos de pedagogos que se dizem inspirados em Rogers. O autor ainda fala dos conceitos fundamentais, que são: A concentração sobre o grupo e os fenômenos dos quais ele é sede ; A fé na eficácia do grupo para resolver problemas; O conceito de “growth” (ou “confiança em si”); A permissividade; Aplicação ao ensino.

A terceira fala sobre a Pedagogia Institucional praticada por Fernand Oury onde Beauté coloca as principais características que são: o mestre prevê atividades e permanece como o adulto responsável pela comunidade, regula os conflitos que não puderam sê-lo no seio das equipes de alunos, e assegura a segurança interna e afetiva dos alunos. As equipes a que aludimos são formadas graças a sociogramas que ele propõe. Essa técnica consiste em perguntar a cada aluno com quem ele gostaria de trabalhar e com quem desejaria fazê-lo; o mestre é o fiador da ordem de acordo com o autor Fernand Oury insiste, em diferentes oportunidades, na necessidade de evitar a “barafunda”. Por essa razão ele fica atento a que as regras, elaboradas pelos próprios alunos e caucionada por ele, sejam respeitadas.

Mais informações sobre a Pedagogia Institucional estão expostas em um subtítulo (Uma pedagogia para os limites: a pedagogia Institucional) destinado exclusivamente a ela, por se tratar daquilo que temos de mais novo na pedagogia atual.

3.3 Relação sala de aula com (in) disciplina e limite

Segundo Tiba (1996), os educadores costumam perguntar sobre a pertinência de aplicar uma punição, sobre o que conseguiu comportamentos mais adequados de sua turma ou de determinados alunos, sobre a inoperância de certas tentativas de manter os alunos dentro dos limites. Para ele, a indisciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito; Ele continua respaldando que: “(...) é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula’ (p. 117).

O autor afirma ainda que a maior força do professor, ao apresentar a instituição escolar, esta em seu desempenho na sala de aula. Por tanto, ele não deve simplesmente fazer o que bem entender, sobretudo, perante as indisciplinas dos alunos. Numa escola em que cada professor atua como bem entende, haverá, com toda certeza, discórdia as dentro do corpo docente e os alunos saberão aproveitar-se dessas desavenças, jogando um professor contra outro.

Por isso é importante que os professores adotem um padrão básico de atitudes perante as indisciplinas mais comuns, como se todos vestissem o mesmo uniforme comportamental. Esse uniforme protege a individualidade do professor e quando um aluno ultrapassa os limites, não esta simplesmente desrespeitando um professor em particular, mas as normas da escola.

Nesse sentido Miranda (2001) ressalta que algumas práticas pedagógicas com base em um processo discursivo e diálogo vêm provocando mudanças no que antes se delineava como uma transmissão autoritária. A busca de maneiras menos autoritárias de

ensinar traz, em sua estrutura. A procura de formas menos impositivas na relação do professor com seus alunos.

Nas discussões que surgem em torno da relação professor e alunos estão à indisciplina e a maneira de lidar com alunos que não aprendem ou que não querem nada. Os professores costumam dizer que não sabem o que fazer com os rebeldes e apáticos, que quase sempre se recusam a se adaptar às normas escolares, para Miranda (2001), quando se cobra do professor a responsabilidade unilateral (professor se coloca único responsável pela ação ou efeito disciplina) sobre o que acontece na sala de aula ou no processo educacional, pode-se estar considerando que o fato de dominar a turma representa um ganho e que é possível ter total controle da situação. A autora ainda pontua que:

Na tentativa de ter esse domínio, o professor se mantém vigilante, de tal forma que nada lhe escape. No entanto, por mais que se esforce é sempre surpreendido por um acontecimento inesperado, que provoca profundo mal-estar e que passa a ser dominado problema de indisciplina: ‘ às vezes, o professor se sente acuado com tantas cobranças e se abate. Surge então o nervosismo, os aborrecimentos as falta ao Trabalho. É o outro lado da moeda da onipotência: a impotência com forte sensação de aniquilamento’ (p.148).

É possível exercer na escola uma postura de troca de responsabilidade partilhada se forem feitos alguns furos poderá entrar o outro com suas criatividade, suas opiniões, desejo, limites e responsabilidades. Mesmo sem saber, alunos e professores despertam uns aos outros sentimentos positivos e negativos, influenciando-se psicologicamente e produzindo efeitos no ato de aprender.

Por outro lado, hoje tem sido muita discutida a questão dos limites na relação professor-aluno, na família na sociedade. O limite não se reduz ao cumprimento de regras gerais, nas quais predomina as cobranças moralista de se comportar como todos. Para Miranda (2001), quando o sujeito percebe e interpreta as diferenças entre os seres humanos, incorpora uma lei fundamentada em princípios éticos, que preservam a comunidade. Não porque tem o ser como todos, mas porque sabe da importância do outro para a preservação do ser humano. Ela pontua os limites, com base em regras

gerais cria as seguintes premissas: “ou você faz como todos ou não pode fazer nada. A situação é diferente quando se incorpora a lei: isso é proibido, mas existem outras saídas, outras possibilidades e impossibilidades, que cada um encontra o seu jeito de engajar-se no coletivo” (p.159).

A autora destaca ainda que “importante que o limite seja colocado, não apenas como imposição ou por meio de chantagem” (P. 159). O limite pode surgir se o professor se coloca no lugar da autoridade Próprio a esse lugar, pois é a partir da diferença que a lei se incorpora. ““Ser “respeitoso e afetuoso é diferente de transformar-ser em colega” (p. 170)... ”professor em sintonia com o próprio desejo de saber pode colocar-se como despertar o aluno, que provavelmente irá direcionar seus investimentos para o trabalho” (p. 160).

A proposta, então, seria escutar, usar o diálogo como interlocução, manter a postura firme que corresponde ao lugar do professor, construir e dividir responsabilidades estabelecer limite como lei, enfatizar o desejo de saber e perguntar. Assim, o professor tem que ser firme para que a sua autoridade não caia. Ainda é necessário constatar que a aprendizagem ou a educação ocorre em um campo repleto de contradições o qual de acordo com Gutierrez (2003), a articulação entre o professor e a situação da educação na modernidade tem apresentado resultados desastrosos:

O apoio identificatório no professor, se já na entrada era difícil na infância, desmorona-se de modo desastroso na adolescência, como as consequências que toda perda das imagens ideais acarreta... Os adolescentes não acreditam mais nas regras do jogo social quando lhes faltam imagens ideais. Abandonam a escola, engravidam, marginalizam-se. (p.19).

A autora continua ressaltando que o declínio da imago social paterna (autoridade paterna), que no social funciona como referência e indica a possibilidade de um laço social atrelado às leis. Tradições e imagens ideais têm transformado radicalmente a adolescência atual e, na falta da autoridade paterna, ocorre o ideal maciço transmitido na juventude a satisfação narcísica.

Para se realizar, deve-se gozar dos objetos no aqui e agora sem interdições que lançariam o sujeito num processo de desejo. A droga, por exemplo, não é mais utilizada

como rito de passagem ou como facilitadora da elaboração de teorias sócias-transformadoras.

Segundo Cruz (2006), em seu artigo *Agressividade e Adolescência: uma reflexão psicanalítica*, a agressividade, como a expressão do ódio, em geral, é atribuída a fatores externos e não a internos. Ele completa que, de todas as tendências humanas, a agressividade, em geral, é escolhida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos e, quando se manifesta, é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens. Para o autor, o primeiro passo para se avaliar uma atitudes agressiva ou uma tendência antissocial é valorizar as fantasias inconscientes do sujeito em questão. Cruz afirma que as teorias que tenham explicar a agressividade como uma expressão pura e simples de algo instintual é uma premissa falsa.

Bock e Furtano (1999) destacam que “todo ser é agressivo” (p.330). Eles avaliam a agressividade exclusivamente por suas manifestações: o comportamento. De forma que uma pessoa incapaz de fazer mal a uma mosca, boazinha é considerada como não tendo nenhum impulso destrutivo da sua relação com coisas e com as coisas e com os outros, mas há outra perspectiva a ser considerada em relação à agressividade- a auto- agressão:

Para superarmos a estranheza que a afirmação inicial causa, é necessário compreender que a agressividade é impulso que pode voltar-se para fora (heteroagressão) ou para dentro do próprio individuo (autoagressão). Mas ela sempre constitui a vida psíquica, enquanto fazendo parte do binômio, amor (pulsão de vida) e ódio (pulsão de morte) (BOCK E FURTANO 1999 p.330).

Para os mesmos autores, a agressividade sempre esta relacionada com “as atividades de pensamento, imaginação ou de ação verbal e não-verbal” (p.330). Portanto, alguém muito bonzinho pode ter fantasias altamente destrutivas, ou sua agressividade pode manifestar-se pela ironia, pela omissão de ajuda, ou seja, a

agressividade não se caracteriza exclusivamente pela humilhação, constrangimento ou destruição do outro, isto é, pela ação verbal ou física sobre o mundo.

Talvez a indisciplina escolar esteja nos indicando que se trata de uma recusa desse novo sujeito, a práticas fortemente arraigadas no cotidiano escolar, assim como uma tentativa de apropriação da escola de outra maneira, mais aberta, mais fluida, mais democrática de um novo tipo de relação. Porque a aprendizagem parte do interesse do aluno que aprendem fundamentalmente pela experiência ou aprendem fazendo o ensino não segue um planejamento fixo, porque diariamente é guiado pelo interesse dos alunos. Se o professor abandona seu posto, se ele não cumpre com suas funções específicas com compreensão e se responsabilizando de transmitir o conhecimento na qualidade de profissionais privilegiados da educação, os diversos problemas na escolarização dos alunos nunca irão acabar. A educação no processo de constituição dos seres humanos, aponta 'erros' do passado emergindo a possibilidade das crianças, adolescentes e adultos mediarem o tempo assumindo.

E preciso que o professor tenha clareza quanto a seu papel na relação professor- aluno para balizar a convivência no seu trabalho cotidiano, pois os problemas sempre existirão, e temos que saber lidar para não trazer nenhum trauma pelo resto da vida da criança, como aconteceu comigo, na sala de aula, foi humilhada, xingada, vítima de vários preconceitos, quando saía da sala de aula eu já imaginava o dia seguinte que tinha que voltar, mas não parei porque eu sabia que eu iria passar de ano e acabava esse sofrimento. Muitos dos meus colegas na época pararam de estudar porque não agüentaram tantas humilhações. Infelizmente os professores não viam que era dentro da sala de aula é que acontece de verdade o aprendizado da criança, é lá também que os conflitos têm de ser administrados e gerenciados, e abandonar a imagem do aluno ideal como ele deveria ser.

O professor é quem coordena as atividades pedagógicas adaptando-as características individuais dos alunos. O aluno é o centro da escola é um ser ativo. A relação professor-aluno consiste em assegurar as condições para que o professor e os alunos possam realizar suas trocas. E ao fazer um contrato pedagógico, ou seja, uma proposta onde as regras de convivência são negociadas por todos, tem que ter uma parceria de um projeto contínuo mostrando o papel do professor e do aluno. Para que

possa adequar às possibilidades é reinventar os conteúdos, a relação professor-aluno de forma competente e prazerosa encontrando soluções. Precisamos recuperar alguns consensos quanto às funções da família e da escola, distinguindo claramente os papéis de pai e de professor. O objeto do trabalho escolar é fundamentalmente o conhecimento sistematizado, e seu objetivo, a recriação.

A Pedagogia Institucional aproxima a prática educativa ensinando e buscando soluções de aprendizagem para o cotidiano trazendo informações que tenha função real, onde o problema adquire um sentido importante conduzindo novos conhecimentos com novos desafios. Neste processo o professor deve reconhecer as diferenças buscando soluções para os resultados encontrados e daí construir aprendizagem significativa, estabelecendo relações dos conteúdos com os conhecimentos prévios. É, portanto função do professor considerar como ponto de partida sua ação educativa com os conhecimentos que as crianças possuem, advindo das mais variadas experiências sociais afetivas e cognitivas a que estão expostas.

3.4 Processo de investigação da indisciplina em sala de aula

A pesquisa foi realizada com as professoras da Escola onde foi aplicado um questionário com as seguintes perguntas:

3.5 Investigando a indisciplina em sala de aula

Para conhecer melhor o fenômeno da agressividade em sala de aula, foi realizada uma pesquisa com as professoras e os alunos da Escola. Nela foi aplicado um questionário com as seguintes perguntas:

Entrevistas com os professores

- 1) Tem havido agressividade verbal por parte dos alunos?
- 2) Como elas se expressam?
- 3) Quais, a seu ver, as causas dessa agressividade?
- 4) Se acontece ou aconteceu, com você reage?
- 5) É possível prevenir a agressividade? De que maneira?

Inicialmente pensamos em entrevistar apenas duas professoras, depois percebemos que seria bom ouvir mais pessoas, pois o tema é muito intrigante e necessário. Abaixo segue as respostas dadas pelas professoras:

Tem havido agressividade verbal por parte dos alunos?

Todas: sim

Como elas se expressam?

- 1- De maneira bem agressiva, palavrões, voz alterada
- 2- De muitas formas, com gestos e voz alterada.
- 3- Elas tem se mostrada de muito formas, com palavras de desrespeito, com gestos e provocações com os colegas.
- 4- Com palavras de baixo calão, gestos e olhares.
- 5- Com palavras que agridem principalmente os familiares dos colegas.

Quais, a seu ver, as causas dessa agressividade?

Todas: a falta de acompanhamento dos pais, os alunos que são mais agressivos são aqueles em que os pais nunca aparecem e em alguns casos esses alunos são maltratados pelos pais na frente de todos.

Se acontece ou aconteceu, com você reage?

Todas: Levo ao conhecimento da direção da escola e lá eles chamam o conselho tutelar e conversam.

É possível prevenir a agressividade? De que maneira?

Todas: sim, através do diálogo entre escola, família e sociedade.

Entrevista com os alunos

Realizei a pesquisa com alguns alunos que são considerados indisciplinados pela escola e outros que são considerados.

Todos: O que é indisciplina?

- É quando as pessoas as pessoas não tem educação e não respeitam ninguém. Não faz nada, não estuda. E não obedecem as regras do lugar;

-Acho que a mãe dele nunca o corrigiu. Porque ele não respeita nem a mãe.

Todos: Como é a relação com os professores e colegas dentro da sala de aula?

-A relação tem que ser boa, um tem que respeitar um com o outro. E não pirraçar o professor;

-Depende do aluno para a relação ser boa ou não.

Todos: Como age os colegas indisciplinados ?

-Eles fazem de tudo pra chamara a atenção dos colegas e professores e não concorda com nada;

- Faz de tudo para aparecer;

- Até os outros colegas de outras salas eles perturbam.

Todos: Como é a sua relação com os seus colegas e professores dentro da sala de aula?

- Eu gosto muito da minha professora;

- A minha professora me ensina muitas coisas boas;

-Faço com que os meus colegas mais comportado também ficam sem comportamento porque eu não acho bom quando os professores (as) dizem que eu tenho que estudar e tirar nota igual eles. Eu não gosto disso;

-Eu Faço gracinhas para os colegas rirem. E não prestar atenção nas aulas.

Todos: O que é preciso fazer para ajudá-la o colega indisciplinado a mudar o seu comportamento dentro e fora da sala de aula?

- procurara saber o porquê se ele esta com raiva de alguma coisa;

- Aconselhar e falar para prestar atenção nas aulas e ser um bom colega.

- falo para ele ter respeito com todo mundo com muito carinho.

- Peço para ele não prestar atenção nas gracinhas dos colegas.

- Conversar muito com ele e tentar mostrar o caminho certo porque não é do jeito que ele pensa e age não é certo.

Todos: O que é escola para vocês?

-A escola é um lugar para aprender, crescer e ser uma pessoa do bem!;

- E um lugar de garantir o futuro melhor;

Eu gosto tanto da escola, que não gosto dos feriados. Sinto muita falta dos meus colegas.

3.6 O que significam as respostas?

As respostas das professoras indicam que elas têm problema com indisciplina em suas salas de aula, e que o diálogo é uma boa solução dos problemas. Também mostra que a agressividade está diretamente ligada a falta de apoio familiar. Tais respostas nos mostram que a escola e família devem se aproximar mais, assim ambas serão beneficiadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tinha como objetivo compreender como se dá agressividade e indisciplina na sala de aula e também saber como estabelecer limites e quais estratégias pedagógicas pode-se adotar para a resolução dos problemas em sala de aula. A pesquisa realizada com as professoras nos mostra que realmente a agressividade verbal está presente nas salas de aula e ela se apresenta através de palavras e gestos e está diretamente ligada a falta de apoio da família e de alguns professores.

Como resultado, foi possível constatar que o período em que as crianças se tornam mais indisciplinadas é na adolescência, sendo o período mais sensível na formação do indivíduo, pois é quando ele se afirma ou não socialmente dentro de vários grupos e, principalmente sexual e psicologicamente. Por isso várias relações, antes firmes e importantes enquanto crianças vão à medida que este indivíduo se desenvolve, ficando estremecidas e daí o aluno usa a agressividade verbal para afastar o professor, porque ele – o aluno – precisa se libertar da autoridade exercida pelo professor para, então, se firmar. Além desta constatação também foi possível identificar que a agressividade verbal se torna mais evidente devido às transições de valores das relações: familiares, escolares, comunitárias as quais não são mais tradicionais, porém não há uma substituta para ser seguida, ou seja, tanto pais quanto professores ainda não têm certeza de seu papel em relação ao adolescente, o que não depende apenas destes dois atores, mas também da interferência do estado – cada vez maior. Daí, pais e professores temem estabelecer limites o que termina por deixar que a parte negativa da personalidade dos alunos venha à tona.

Das pedagogias estudadas destacamos a Institucional onde o Doutor em Educação Rogério de Andrade Córdova nos mostra a importância dessa Pedagogia e também das Práticas do Institucional que ela propõe através da tradução da obra de Christine Vander Borghet feita exclusivamente para esse trabalho de conclusão de curso. Essa pedagogia evoluiu a partir de questionamentos dirigidos às estruturas ligadas à psiquiatria e à educação, bem como às relativas práticas de atendimento. Surgindo com o objetivo de trazer a cura e educação até as pessoas, diminuindo assim a alienação favorecendo as trocas de todo tipo, através de mediações entre os indivíduos e os

grupos: reuniões, esquemas de trabalho que organizam o ambiente onde se vive a circulação de informações, e o gerenciamento coletivo. Portanto através dessa pedagogia como é colocado pelo professor Dr. Claudio Roberto Baptista podemos encontrar uma saída para o problema da agressividade e da falta de limites dos alunos nos dias atuais. Onde nos mostram que a escola deve fazer um estudo da personalidade do aluno, e considerá-lo a partir de sua dimensão temporal mais ampla que um ano escolar, buscando a articulação da classe com outros níveis (e grupos) dentro da escola.

Essa pedagogia também nos dá a verdadeira dimensão do que é educação nos dias atuais, as escolas estão se institucionalizando e dessa forma pode tratar os alunos com mais igualdade e assim diminuir os problemas que rondam. Na escola em que trabalho falta à organização proposta pela Pedagogia Institucional, as medidas tomadas na resolução dos problemas que envolvem a agressividade e indisciplina não estão sendo suficientes, mesmo com as interferências da direção mediante aos problemas que enfrentamos sempre voltam, naquele momento resolve, porém depois tudo continua do mesmo jeito, realmente devemos adotar novas metodologias que incorporem aluno-professor, como sugeri a Pedagogia Institucional.

A reflexão sobre Prática leva o professor a identificar as concepções pedagógicas. As palavras e as ações de um professor podem ter a intenção de exercer influencia sobre o caminho percorrido pelos aprendizes. Aprender é um ato de conhecimento o diálogo entre o educador e educando é essencial, para que os projetos sejam colocados em prática e que tenha função real.

É preciso que todos os professores estejam comprometidos com a prática educacional, ser capazes de responder as demandas e as questões específicas e aos cuidados com a aprendizagem do aluno, acompanhando suas conquistas, suas dificuldades e suas possibilidades ao longo de seu processo de aprendizagem. O professor deve compartilhar com os avanços e suas possibilidades de superação das dificuldades para que possa atuar de forma cada vez mais intencional.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, Paulo Roberto Moraes. Estatuto da criança e do Adolescente. 5. Ed. Brasília: Senado Federal, 2005.

ALBERTI, Sonia. Esse sujeito adolescente. Rio de Janeiro: Relume – dumará, 1996.

BAPTISTA, C. R. Integrazione, innovazione e contesti interattivi: analisi di situazioni sperimentali in ambito scolastico. Tese de doutorado, Univeristà degli Studi di Bologna, 1995.

BEAUTÉ, Jean - Entre autoritarismo e Laisser-Faire.

BOCK, Ana Mercês Bahia e FURTANO, Odair. Uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999

CAMACHO, L.M.Y. Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes; um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. Acesso em 15/08/2007, disponível em: site <http://www.google.com.br>.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da Adolescência. 19. Ed. Pretrópolis: Vozes, 2003.

COCEVER, E. "Appendice", in VASQUEZ, A. e OURY, F. L'educazione nel.

Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Vol. XV). (1916-1917).

Conferências Introdutórias sobre Psicanálise(vol.XVI).

CÓRDOVA, Rogerio de Andrade (Pedagogia Institucional E Práticas do Institucional- tradução do livro de Christine Vander Borgh.)

CRUZ, Alexander Théo de Almeida. Agressividade e Adolescência: Uma reflexão psicanalítica. Rio de Janeiro: UFRJ. Retirado no dia 14/05/07, do site: <http://www.google.com.br>.

DEMO, Pedro. Desafios Modernos da Educação. 12. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

FADIMAN, James. Teorias da personalidades. São Paulo: Harbra, 1986.

FINK, Bruce. O sujeito lacaniano: entre a linguagem e gozo. Tradução de Maria de Lourdes Setle Câmara Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Freud, S. (1996). *As neuropsicoses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

- FREUD,S.(1996). Em edição Standart das obras completas de Sigmund
- FREUS, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol
- GALLATIN, Judith Estelle. Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência. São Paulo: Harper e Row do Brasil LTDA,1978.
- GOMIDE, P. I. C. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004
- GONÇALVES, L.A.O. e SPOSITO. M.P. (2003). Iniciativas de redução de violência Escolar. O caso de São Paulo. Movimento sociais e educação – GTS. Acesso em 15/08/2007, disponível em site <<http://www.google.com.br>> acesso em 10 de dezembro de 2012.
- GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. Adolescência, psicanálise e educação: o mestre possível de adolescentes. São Paulo: Avercamp, 2003.
- IMBERT, Francis. A questão da ética no campo educativo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- KAUFMANN, Pierre. Dicionário enciclopédicode de psicanálise: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996
- LACAN, Jacques. (1959-1960/1991). **O Seminário livro 7: A ética da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LEVISKY, David Léo (org.). Adolescência: pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- MATHEUS, T.C. Ideais na adolescência falta (d) e perspectivas na vida do século. Acesso em 15/08/2007, disponíveis em:< <http://www.google.com.br>. > acesso em 12 de dezembro de 2012.
- MELMAN. OS adolescentes estão sempre confrontados ao minotauro. In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – Adolescência, entre o passado e o futuro. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- MIRANDA, Margarete Parreira. Adolescência na Escola: soltar a corda e segurar a ponta. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- MUUSS, R. E. **Teorias da adolescência**. Belo Horizonte: Editora do Professor, 1969.
- NOVELLO, Fernanda Parolari. Psicologia da Adolescência: o despertar para a vida. São Paulo : Paulinas, 1990.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. Adolescente hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PEREIRA, L. S. Essa metamorfose ambulante. In: Coodenação editorial da comissão de publicações da Associação psicanalítica de Porto Alegre. (org.).

PEREIRA, M. R. O relacional e seu avesso na ação do bom professor. In: LOPES, E. M. T. A psicanálise escuta a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

Prof. Dr. Claudio Roberto Baptista. Disponível
<<<http://www.profala.com/arteducesp3.htm>> > acesso em 16 de fevereiro de 2013,

ROUDINESCO, Elisaberth. A família em desordem. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SILVA, N.P. ética. Indisciplina e violência nas escolas

TIBA, Içami. Adolescentes: quem ama educa! São Paulo: Integrare Editora, 2005.

TIBA, Içami. Ensinar aprendendo: novos paradigmas da educação. 18 ed.rev. e atual. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

ZAGURY, T. **Limites sem trauma**. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. (Construindo Cidadãos).

TERCEIRA PARTE

PLANO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

O Planejamento nos ajuda a definir e organizar as atividades que colocaremos em prática para alcançarmos nossos objetivos. As pessoas precisam estar preparadas por toda a sua vida na busca profissional. Mas antes de qualquer coisa temos que para e perguntar que eu quero ser? Moro em Cavalcante e, no início do meu da minha profissão eu estava muito indecisa se era isso mesmo que eu queria, pois na minha cidade não dava muita opção de escolha. Continuei trabalhando de contrato na escola presbiteriana era particular.

Atualmente sou concursado estou trabalhando na escola Municipal morro Encanto há 12 anos. Gosto muito do que eu faço, nas férias sinto muita falta do meu trabalho. Tenho o magistério, no momento estou graduando o curso de pedagogia e logo que eu terminar quero fazer a minha pós onde realizarei atividades específicas onde exige da minha formação. E aí surge a minha dúvida em que? Educação Infantil, Orientadora Educacional, ou gestão até agora não defini. Como eu já disse moro em Cavalcante, mas logo que terminar o curso de pedagogia quero mudar para

Águas Lindas Goiás, pois minha família está quase toda lá e em Brasília. Sei que o Planejamento facilita a minha reflexão, Para assumir com muita responsabilidade tudo o que eu for fazer, me promovendo o conhecimento para melhorar o meu desenvolvimento de qualquer atividade que eu for executar, e aonde eu quero chegar. Executando bem o meu plano estarei tendo uma visão clara do que eu vou executar na minha carreira profissional e conseqüentemente atingirei os meus objetivos e crescendo profissionalmente.

Na minha vida e de qualquer pessoa metas e objetivos serve para apontar a onde queremos chegar, pois ambos dependem um do outro. Eu sei que o profissional deve ser acima de tudo comprometido com o desenvolvimento da pessoa humana, ter compromisso de um trabalho sério e competente numa postura de consciência e compreensão para transformar a sociedade.